

Prosa & Verso VII  
*Tempo*





## FICHA TÉCNICA

### **Título**

Prosa & Verso VII — *Tempo*

### **Edição**

Politécnico de Leiria

*Escola Superior de Educação e Ciências Sociais*

### **Coordenação**

Paula Cristina Ferreira

Cristina Nobre

### **Capa e Projeto Gráfico**

João Pinheiro

### **ISBN**

978-989-98037-8-7

### **Depósito Legal**

564470/26

### **Impressão e Acabamento**

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda. - Benedita

### **Tiragem**

150 exemplares

—

Maio 2026

*Leiria*

**Maria Simas 3, 2025**





# Prosa & Verso VII

*Tempo*

## ÍNDICE

- 11 **Breve nota de abertura** – Cristina Nobre e Paula Cristina Ferreira  
15 **Prefácio** – José Carlos Marques

### **Textos em Prosa**

#### **ESCALÃO 1 – ESTUDANTES**

- 24 **Horácio, aquele que passa** – Sara Manso (1.º Prémio)

#### **ESCALÃO 4 – ALUMNI**

- 29 **O dia em que a fada Violeta decidiu estudar** – Idália Bento (Menção Honrosa)

### **Textos em Verso**

#### **ESCALÃO 1 – ESTUDANTES**

- 40 **Ai o tempo** – Elisa Pinto (1.º Prémio)  
42 **Sem pressa para chegar** – Mariana Costa (1.º Prémio)  
44 **Diálogo com o tempo** – Maria Leonor Brites (2.º Prémio)  
45 **O mar** – Mariana Pereira (2.º Prémio)  
48 **O tempo passa** – Maria Leonor Brites (3.º Prémio)  
49 **Gato cinzento** – Mariana Pereira (3.º Prémio)  
51 **Fragmentos do instante** – Ana Domingues (Menção Honrosa)  
52 **Conspiração do tempo** – Mariana Costa (Menção Honrosa)

#### **ESCALÃO 2 – PESSOAL DOCENTE**

- 54 **Tempo passado e presente** – Lúcia Simão (1.º Prémio)  
58 **Peso do tempo** – Lúcia Simão (2.º Prémio)

ESCALÃO 3 – PESSOAL TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

60 Efémero – Ana Cunha (1.º Prémio)

ESCALÃO 4 – ALUMNI

61 A última folha de outono – Cheila Roça (1.º Prémio)

63 Tacadas de vida, tempo para ganhar – Cheila Roça (2.º Prémio)

65 Mas, porque será? – Idália Bento (3.º Prémio)

66 Páginas de uma vida – Idália Bento (Menção Honrosa)

71 **Posfácio**

As múltiplas faces do tempo: perspetivas filosóficas e culturais

Dina Alves



## Breve nota de abertura

Na presente edição, a sétima, do concurso Prosa & Verso – cujo tema nuclear foi o sema ‘TEMPO’ – houve apenas dois textos na modalidade de Prosa; assim, a modalidade de Verso tem aqui a primazia, com o maior núcleo textual. Sem a generosa iluminação dos desenhos criados pelos estudantes da ESAD, que já nos habituaram a considerar como legado artístico e cultural do Politécnico de Leiria, a leitura desta coletânea ficaria seguramente mais pobre: as imagens criativas abrem largos horizontes de interpretação transversal, fazendo de todos nós o ‘animal semiótico’ em busca de sentidos na existência. A surpresa e o estranhamento da beleza nascem desta relação talentosa entre as artes e a vida.

Atrevemo-nos a solicitar a colaboração da nossa colega Professora Doutora Dina Alves, que partilhou connosco um texto ensaístico de carácter filosófico e com abordagem diacrónica em que o conceito de tempo, e as suas plurissignificações, é escarpado em profundidade e numa escrita simultaneamente expositiva, crítica e irónica, por vezes tocando a poesia do vivido. Trata-se dum abraço ao leitor dos nossos dias, que lhe permitirá alargar a capacidade de reflexão e desenvolver uma visão histórica e crítica do ‘tempo (em) que cabe a cada um viver’. À pensadora, investigadora, crítica e tímida ‘escrevente’ agradecemos a amabilidade de nos permitir a divulgação junto do público leitor, através desta singela edição.

Abraçamos com estima e admiração todos os que responderam ao desafio de escrita do VII Prosa & Verso. Motiva-nos a todos para ler e escrever mais e diferente: o tempo age sobre nós e carrega-nos de sentido.

Com a nossa gratidão,

Cristina Nobre

Paula Cristina Ferreira

*Dezembro de 2025*

- TEMPO -



Catarina Marques 3, 2025



## Prefácio

O tempo é talvez a dimensão mais fundamental e, ao mesmo tempo, mais enigmática da existência humana. Ao contrário do espaço, que pode ser atravessado em múltiplas direções, o tempo move-se apenas numa direção – para a frente. Os antigos gregos distinguiam entre o tempo cronológico, quantitativo e mensurável (Chronos), e o tempo qualitativo, em que a ação se torna significativa (Kairós). Esta dualidade persiste até hoje: medimos o tempo com precisão atómica, mas vivenciamos-lo de forma subjetiva e diferenciada. São alguns destes modos de experienciar o tempo que são abordados nos textos incluídos nesta obra: um tempo vivido e olhado por cada um de forma diferente, mas que para todos flui incessantemente, leva-nos do nascimento à morte, molda as nossas memórias, os nossos sonhos e a própria forma como interagimos com a realidade (como nos recorda o texto ‘Horácio, aquele que passa’). O tempo também serve de delimitador das atividades que realizamos quotidianamente e, geralmente, com rigorosa regularidade: o tempo de acordar, de trabalhar, de tomar as refeições, de descansar, de deitar, etc. Esta compartimentalização tem originado uma diferenciação do tempo em função da natureza daquilo que se realiza em cada momento, originando, por exemplo, a clássica divisão entre tempo de trabalho e tempo livre (e, dentro deste, de uma multiplicidade de tempos: de lazer, de descanso, de autodesenvolvimento, e por aí adiante — ou mesmo, o tempo de iniciar boas leituras tal como sugerido pelo texto ‘O dia em que a fada Violeta decidiu estudar’).

Estas divisões são, como não podia deixar de ser, construídas socialmente e moldadas por estruturas sociais e práticas culturais que definem o modo como o tempo é percecionado e ‘vivido’. A uma visão circular do tempo que liga o passado, o presente e o futuro e em que se admite a ciclicidade do tempo e dos acontecimentos temporais,

contrapõe-se uma visão linear do tempo, frequente nas sociedades ocidentais e capitalistas, em que este é considerado como algo que ‘passa’, se ‘gasta’, ‘poupa’, ‘desperdiça’ ou ‘investe’. Nestas últimas sociedades o tempo é marcado por uma crescente comodificação (o tempo como um bem transacionável) e compressão. Apesar das promessas de economia de tempo que acompanham a evolução da tecnologia — evidente nas possibilidades de comunicação instantânea, de transportes rápidos e na automatização do trabalho de que o advento da ‘inteligência artificial’ parecer o expoente último — vivemos cada vez mais rapidamente e constantemente acompanhados pela sensação de ‘falta de tempo’. O sociólogo Hartmut Rosa refere-se a esta realidade como ‘pobreza de tempo’ e afirma que ela resulte de uma tripla aceleração: técnica, de ritmo de vida e de mudança social. Em conjunto, estas acelerações conduzem-nos a um paradoxo: apesar da aparente economia de tempo, dispomos de cada vez menos tempo, porque o tempo economizado é imediatamente ocupado com novas atividades que, no final, nos levam a concluir que o tempo passou por nós....

José Carlos Marques

*Diretor da Escola Superior de Educação  
e Ciências Sociais - Instituto Politécnico de Leiria*





“O tempo não existe. O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe. Ou existe imutável e nele nos transladamos. O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então — para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa — eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto. Quero me multiplicar para poder abranger até áreas desérticas que dão a ideia de imobilidade eterna. Na eternidade não existe o tempo.”

**Clarice Lispector,**

*Um Sopro de Vida* (Pulsações)



“Só existem dois dias no ano em que nada pode ser feito. Um chama-se ontem e o outro chama-se amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.”

**Dalai Lama**



## TEXTOS EM PROSA

## ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

### Horácio, aquele que passa

*Sara Manso (1.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Avanço devagar pelas ruas da cidade, embora muitos ainda me acussem de ir depressa demais, ao ritmo que as articulações das minhas velhas pernas me permitem. Quase ninguém repara em mim, mas todos são afetados pelo rasto que deixo ao passar por eles.

As minhas costas estalam e protestam quando me sento no banco de jardim, ao lado de Amélia, a senhora que mora do outro lado da estrada e que pareceria tão velha quanto eu a quem estivesse a passar. Bem, se olhassem realmente para mim, claro.

“Amélia, há quanto tempo!” cumprimento eu com um sorriso.

Ela sorri educadamente, mas não me reconhece. Eu conheço todos e ninguém me conhece a mim, já estou tão habituado que começa a ser divertido.

“Eu conheço-o?” pergunta a velha senhora na sua voz rouca, mas doce.

“Penso que já nos cruzámos, sim.”

Estendo-lhe a minha mão, os ossos salientes dos dedos a apertarem os de Amélia enquanto nos cumprimentamos. “E como se chama o senhor?”

Penso por uns instantes. Escolho o meu favorito de entre os incontáveis nomes que estas fascinantes criaturas autointituladas de ‘humanos’ já conceberam.

“Chamo-me Horácio.”

“Horácio?” repete ela com interesse. “Eu gosto muito desse nome...”

Significa ‘horas’, não é? ‘Tempo’? Vem de um nome em latim, se não estou em erro.”

“Vem, sim.” Viro-me mais para ela, endireitando os óculos redondos empoleirados na ponta do meu nariz. “Como é que sabes?”

Eu sei a resposta para esta questão. É o nome que Amélia deu ao filho, decidindo-o muito antes do pequeno nascer, homenageando o avô que morrera meses antes. Um nome que corre naquela família por muitas, muitas gerações, e eu estava lá para ver cada uma delas chegar e partir.

“É o nome do meu filho,” explica ela, sorrindo até os seus olhos se tornarem uma linha fina emoldurada pelas rugas. “Já está um homem feito! Como o tempo passa...”

Suspiramos em simultâneo e ficamos um pouco em silêncio. Alguns diriam que estamos só a ‘matar o tempo’, expressão que sempre achei tão depreciativa e violenta. ‘Ver passar o tempo’ soa muito melhor, porque o que faço eu senão passar?

“O tempo voa, não voa?...” murmura a velha senhora, com o olhar agora mais entristecido.

Percebo que ela pense assim, mas a verdade é que eu não sei voar, apenas passar.

“Acho que vai à velocidade certa, mesmo que pareça que vai aos solavancos,” respondo eu, e ela ri baixinho. Gosto quando eles riem. Os humanos têm mais beleza do que eles próprios se apercebem.

“É preciso dar tempo ao tempo, como costumam dizer.”

Não! Sinto agora vontade de gritar. Ninguém precisa de me dar absolutamente nada, eu é que lhes dou a eles. A uns mais que a outros, sim, mas dou! Dou-lhes tudo o que há de mim, o tempo que a sua mortalidade os leva a desejar numa urgência desmedida, e para quê? Se vão todos e metade não fez o que tinha a fazer? Se continuam a pôr as culpas em mim, a acusar-me de não ter sido suficiente, de passar demasiado rápido?

Só reparam no meu rasto, nas minhas consequências, nunca em mim como estou agora, nunca no momento presente!!

“A vida passa em três tempos,” respondo-lhe simplesmente, e temo que talvez Amélia saiba demasiado bem o que eu quero dizer, o que vim aqui fazer.

A velha senhora concorda com um lento aceno de cabeça, encarando o relvado bem cortado sob os seus sapatos de ir à missa. “O senhor ainda não me disse o que faz da vida, Horácio,” comenta Amélia com um novo sorriso. “Parece-me demasiado sábio para fazer algo aborrecido.”

“Aborrecido não é de certeza, mas olha que não tenho um segundo para descansar.”

Ela olha para mim, sentado ao lado dela sob o acolhedor sol de final de tarde. “Um segundo tem de certeza, caso contrário não estaria aqui eu na sua agradável companhia.” Amélia não sabe que o fardo que carrego ao cumprir as minhas funções é infinito e ininterrupto. Perante o meu silêncio, a velha senhora insiste, “Mas conte lá o que faz!”

Não encontro uma razão para a contrariar, por isso debruço-me na direção de Amélia, desvio-lhe uma madeixa de cabelo branco e murmuro no seu ouvido o segredo das minhas funções a tempo inteiro.

A velha senhora solta uma gargalhada. “O senhor tem piada, já lhe tinham dito isso?”

É o mais simpático que já me disseram depois de lhes revelar o meu segredo (‘doido varrido’, sem dúvida, o mais recorrente).

Começa a arrefecer. As folhas dançam nos ramos das árvores, embaladas pela crescente ventania, e o cinzento gradual no céu prenuncia mau tempo, contrastando com o sol que nos iluminava quando me sentei. Eu trago a mudança, é uma bênção e uma maldição.

Talvez o mundo ficasse melhor se estagnasse num infinito e único momento. Se passado fosse um fardo inexistente e futuro deixasse de ser uma agonia incerta. Se crianças ficassem sempre inocentes crianças, ido-

sos sempre perto do precipício da vida, mas nunca demasiado perto. Se tudo congelasse e permanecesse imperturbavelmente igual numa harmonia intacta... Seria este um mundo melhor? Se eu não existisse? Não passasse? Não obrigasse cada ser humano a avançar atabalhoadamente pela vida até cair na inevitabilidade do precipício para dar vez a outros? Quero acreditar que não. A mudança é dura, mas necessária, talvez desconfortável, e nem por isso menos urgente. É para isso que eu existo, para trazer a mudança, só espero mesmo muito que os humanos estejam a fazer uso do que lhes dou para mudar para melhor.

Amélia observa o relógio de pulso, cada movimento dos ponteiros a marcar um batimento do meu coração, uma respiração dos meus pulmões. “É melhor eu ir para casa,” murmura a velha senhora, “antes que comece a chover.”

A mão dela treme ligeiramente ao segurar a bengala e apoiar-se nela para se levantar do banco de jardim onde estamos sentados. Não, ainda é cedo... é sempre demasiado cedo! Sou subitamente atingido pelo desconforto espiritual que os mortais descrevem como ‘pânico’.

“Espera!” Seguro-lhe o pulso, a sua pele áspera sobre os meus dedos, mas não me levanto. Pergunto-me se a urgência das minhas próximas palavras é perceptível. “Foste feliz, Amélia?”

Ela olha para mim, consigo ler a sua confusão e surpresa em cada linha do seu rosto. “Ora essa, Horácio...” balbucia ela, quase inaudivelmente, mas noto que não tenta soltar o seu pulso da minha mão.

“Foste?”

A perturbação na sua expressão é gradualmente substituída por introspeção melancólica. O sorriso dela é hesitante, mas genuíno. “Eventualmente, acho que sim.”

Nunca é um ‘sim’ completo e absoluto. Nunca. Não é por ser comum que deixa de ser uma desilusão de cada vez. Não é por ser comum

que deixa de ser doloroso de se presenciarem.

Largo-a relutantemente, e ela sorri para mim em tom de despedida, antes de se virar e começar a afastar-se. Faço isto há mais anos do que os seres humanos percorrem a Terra e, no entanto, nunca consigo deixar de lhes fazer sempre a mesma última pergunta.

“Fizeste bom uso do teu tempo?”

A velha senhora estaca e, um longo segundo depois, olha para trás, na minha direção, para a personificação de algo demasiado grande e complexo para a sua mente compreender, sentado num comum banco de jardim. Porque, apesar de tudo, sinto sempre uma necessidade de estar aqui com eles uma vez que seja, de saber se fizeram bom uso do que lhes dei.

O silêncio dela é prolongado. Quando finalmente responde, fá-lo devagar, num tom grave e demasiado carregado de emoções silenciosamente gritadas entre cada palavra. “Cada um faz o que pode com o tempo que tem. Quero acreditar que fiz tudo o que pude com o meu...”

É tudo o que diz antes de me deixar para trás e ir para casa.

Mas Amélia nunca chegou a casa.

Não, não se confunda, caro leitor. Eu não sou a morte (essa é apenas uma natural consequência do que eu faço, tal como é a vida), sou o tempo.

Pode dizer que me mata, que me perde, que me ganha, mas, caro leitor, só há uma única coisa que lhe imploro: da próxima vez que observar os ponteiros de um qualquer relógio a demarcarem a minha pulsação, lembre-se que também tem uma, que deve apreciá-la e aproveitá-la, porque cada um desses batimentos cardíacos é um presente que lhe dou.

Vá aproveitar tudo aquilo que lhe dou.

E, no fim, lá estarei eu sentado algures, com pernas cansadas e óculos pendurados na ponta do nariz, para lhe perguntar como correu.

## ESCALÃO 4 – ALUMNI

### O dia em que a fada Violeta decidiu estudar

*Idália Bento (Menção Honrosa)*

*Alumni da ESECS*

O dia acordou sorridente com o sol a espreitar por entre as vidraças da janela do quarto de Violeta, a fada das flores do bosque encantado, Vale Colorido. Assim que os primeiros raios lhe tocaram no rosto, Violeta abriu os olhitos e sorriu alegremente para a alvorada que acabava de nascer. Num ápice saltitou das suas mantas aconchegantes, felpudas e sedosas deu uma pirueta estrondosa do chão até ao teto, arregalou os olhos que mais pareciam girassóis a rodopiar incansavelmente, mostrou a sua alegria mais contagiante e pensou bem alto:

— Bom dia, hoje é um dia perfeito para iniciar uma boa leitura e aprender mais sobre as minhas mais que tudo, as queridas princesinhas, as flores.

Enquanto cismava o seu corpo estagnou como uma estátua. Nesse instante, mesmo ao lado um som enigmático e vibrante se fez sentir naquele pequeno espaço, somente a fadinha ficou alheia ao que se passava à sua volta. Enquanto isso, junto à janela algo se agitava abruptamente de forma convulsa, eram as portas e gavetas de uma gigantesca e velha cómoda que se abriam de forma enérgica saindo do seu interior um vestido primaveril, e um casaco para épocas festivas. Estes esvoaçavam e desceram solenemente sobre o corpo de Violeta que inesperadamente despertou como se de um sono profundo se tratasse, não compreendendo o que lhe tinha acontecido:

— Eu estou vestida com estas roupas!? Que estranho! Ia jurar que ainda estava de pijama. Como foi isto acontecer? — Interrogava de si

para si mesma.

Seguidamente dirigiu-se à porta de entrada, calçou os belos sapatos de plumas brilhantes, vestiu o casaco de pele de casca de pêssego e hortelã e saiu, não deixando para trás o guarda-chuva em forma de pato para a eventualidade do tempo ser propício a fortes e estrondosas torrentes vindas dos céus. Assim dirigiu-se à única biblioteca que existia nas redondezas e mediações do Vale Colorido.

A viagem decorria normalmente, em que a fadinha seguia estrada fora contemplando e admirando tudo à sua passagem: flores, árvores, animais, tempo, entre outros elementos naturais, cumprimentando e acenando com um gigantesco sorriso que lembra um oásis de verdade num deserto. Mas, se porventura, no decorrer da sua viagem ela observava que uma das suas flores estava desnutrida, de mansinho dirigia-se a essa plantinha delicadamente tocava-lhe com as suas mãos, e, como por magia, ela docemente florescia. Deste modo, e nesta conduta prosseguiu o seu longo curso, mas eis que chega à aguardada biblioteca. Quando lá chegou foi recebida de bom agrado pelo sr. Chapeleiro Louco.

— Olá. Seja bem-vinda a este mundo dupla-dimensional — disse ele sorrindo alegremente.

E antes que ela começasse a proferir quaisquer palavras, ele continuou a um ritmo vertiginoso:

— Ora, ora verifico que tem algo de muito valioso, um magnífico chapéu de chuva. Se me der licença ele ficará aqui mesmo junto aos 13598 milhões de chapéus.

E numa rapidez magnificente retira o chapéu de Violeta que rodopia descontroladamente.

— Stop. Ordeno-te que pares. — Decretou ele.

Ela congelou, mas a sua boca ainda conseguiu exclamar:

— Faz lembrar-me a rainha de Copas da história da Alice no País

das Maravilhas!

— Silêncio!— Ordenou.

E num gesto brusco senta Violeta numa cadeira giratória, logo em seguida faz um movimento circundante e Violeta desvanece. Chapeleiro Louco sentindo-se vitorioso abraça-se ao guarda-chuva e com ar malicioso diz:

— Meu querido, agora vou colocar-te junto dos restantes membros da nossa família.

Enquanto isso.

— Onde estou? — Perguntou Violeta. — Que lugar é este?

— Minha querida a vida tem surpresas inimagináveis. — Responde o Gato Invisível.

— Quem és tu? Se não vejo o teu corpo, porque consigo ouvir a tua voz?- Questiona Violeta.

— Porventura, achas que sou um acaso?— Interrogou

— Uma voz sem corpo? Só podes ser uma inteligência suprema, ou o meu anjo da guarda, talvez. — Retorquiui a fadinha.

— Rápido, não te atrases, o tempo não pára. Segue viagem, mas lembra-te, os caminhos são linhas paralelas que se cruzam entre si.

E o Gato Invisível desaparece. A fadinha continua a sua jornada e deparou-se com uma sinalética, “Olhe para baixo”. Ao inclinar a cabeça para o chão ficou surpresa com uma porta tão pequenina, mas tão pequenina que mais parecia um grão de areia a cantar, decide tocar-lhe e, de supetão o seu corpo começa a minguar até ficar abaixo do tamanho da mini-porta. Violeta resolve girar o puxador e entra, logo em seguida volta ao seu tamanho normal. Aqui entra num espaço repleto de plantas exóticas. As árvores estão repletas de frutos das mais variadas formas, cores e sabores, contrastadas com plantas do contrário, em que as bananeiras dão morangos, as macieiras dão cocos, as mangueiras dão

alfaces, entre outras diversidades biológicas. Muito admirada com tudo o que observava, descobre uma nova porta entre duas ramificações e sob um arvoredado, talvez uma passagem secreta, julgava ela, e decide entrar, então esbarra mesmo de frente com uma outra porta e decide parar. Ao olhar para o lado direito vê um túnel e segue nessa direção, passa por entre múltiplas portas de vidro que se iam abrindo de par em par até chegar a uma sala principal. Aqui dirige-se ao secretariado, onde se encontra uma libélula que a ela se dirigiu.

— Bom dia, em que posso ajudar, fada Violeta? — Interrogou.

— Bom dia, sr<sup>a</sup>. Lili, eu procuro um livro sobre flores medicinais— respondeu Violeta.

— Sim, nós temos uma coleção sobre essa temática intitulada por, Flores por entre o espaço e o tempo e duas obras da autoria de Gabriela a Joaninha Cantante e Papoila Toca Flauta. — Disse.

— Eu gostaria de ver a coleção e as obras, por favor. — Retorquiu.

— Agora, a cápsula espacial vai levá-la até à Secção da Botânica, sala 15508, porta 3099. Assim que lá chegar passa por baixo de cinco estantes até chegar à sala experimental. Nesse local encontra-se uma mesa radiosa com linhas retas e perpendiculares, os livros estão sobre essa mesa. Após a leitura será conduzida através de um cilindro fluorescente até ao museu floral.

Seguindo orientações dadas, a fada seguiu o caminho até à teletransportadora, entrou e sentou-se aguardando em serenidade. Passado uns minutos uma campainha soou, era sinal de que estava pronta a decolar rumo ao local do saber e conhecimento. À medida que se ia afastando daquele espaço e subia mais alto em direção às galáxias, Violeta sentia uma ansiedade instigadora incontrollável, não só pelo momento aguardado, mas, também por tudo quanto seus olhos contemplavam: salas repletas de estantes; livros que esvoaçavam dirigindo-se ao seu respetivo

lugar; plantas que se movimentavam como se o vento estivesse mesmo ali; cadeiras que tinha o poder de se arrumarem sozinhas; planícies floridas repletas de plantas das mais variadas formas e cores; flora que crescia e minguava de acordo com a necessidade daquele espaço e do momento presente e fauna que se estendia pelos quatro elementos essenciais (fogo, ar, terra e água), em que estes não tinham limitações acerca do lugar onde queriam e ambicionavam permanecer. Neste encantamento e deslumbramento a fadinha, ainda que, por uns segundos fecha os olhos, para logo em seguida os abrir, dado que um som de aviso ressoou e uma voz anunciou:

— Senhores passageiros, a viagem chegou ao fim, apertem os cintos de segurança, por favor porque vamos dar início à nossa aterragem.

De ouvidos bem atentos, todos seguiram as indicações dadas, e de modo bem seguro a cápsula desceu ligeiramente deixando a tripulação aliviada, ainda que por uns segundos. De um gesto debilitado e uma força convulsa, eis que chegaram a porto seguro. Após aterragem, um sininho ecoou, pois era sinal que a plataforma ia abrir. De forma ordenada iam saindo um a um, até ao momento que chegou a vez da fada Violeta que aguardava fielmente em serenidade. Assim que ela colocou os pezinhos no chão sentiu que este deslizava e recuou estremecendo, mas ao olhar percebeu que era apenas um tapete rolante, em que deu um sorriso envergonhado, depois prosseguiu o caminho até ao local indicado por Lili. Mal entrou na sala percorreu um enorme e vasto corredor, em que as suas paredes eram compostas por divisórias multicolores, de acordo com as áreas do saber individual de cada um. Estas encontravam-se dispostas por macro centésimas camadas sucessivas de blocos, na qual vultosas portas se apresentavam dando acesso a inúmeras salas do conhecimento. Ante isto, a fadinha entra na porta indicada, dirige-se à tal mesa rutilante e senta-se no cadeirão almofadado a

folhear a obra que mais a cativara, *Flores entre o tempo e o espaço*, mas sem que desse por isso, a sua cabeça pousa suave e delicadamente sobre a página 354, as suas pálpebras morosamente, passo a passo tocam uma na outra, e adormece profundamente.

Nesse instante um zunido comparado ao tic-tac de um relógio saía por entre as páginas do livro de Violeta.

— Shiu! — Pediu Malmequer VI. — Nós temos de falar baixinho para não acordar ninguém.

— Mestre. — Disse a Rosa Flor. — Eu desejo tanto regressar ao futuro, porque ficámos retidos no tempo passado?

— Tudo se irá resolver, a passagem no tempo se fará, assim que entrarmos na Caverna Adormecida. — Respondeu Malmequer IV. — E só chegaremos a casa, após a entrada no portal que se encontra junto à parede Rupestral, memórias dos nossos antepassados, as Flores das Cavernas e a Botânica Sapien Sapien.

De modo silencioso toda a locomotiva de flores seguia junta confiando no seu divino mestre. Após chegarem ao portal formaram-se em grupos de vinte, em círculo deram as mãos e unidas prosseguiram rumo ao desejado futuro. No coração levavam a certeza de um longo e bonito aprendizado, ante as adversidades e dificuldades que foram surgindo ao longo dos 5 anos em que estiveram retidas num tempo e espaço longínquo. Ninguém esquecerá Malmequer IV que com toda a sua valentia e perseverança nada temeu.

Naquele instante, enquanto Violeta repousava, ouviram-se passadas em forma de pezinhos de algodão que iam ao encontro desta, em que num gesto delicado lhe toca no ombro e sussurra aos ouvidos dizendo baixinho:

— Violeta, minha querida acorda o dia está tão sorridente!

Ela abre os olhitos amorosamente e responde:

— Bom-dia mamã, que sonho tão real! Hoje é um dia perfeito para iniciar uma boa leitura e aprender mais sobre flores.

Lior Grapila 2, 2025





## TEXTOS EM VERSO

## ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

### Ai o tempo!

*Elisa Pinto (1.º Prémio)*

Estudante da ESECS

O nosso tempo é como um rio  
Transporta alentos e aspirações  
Sempre a correr para um destino  
Levando também emoções.

Aqui hoje, vou recordar  
Algum tempo comigo passado  
Num lugar longínquo, sempre lembrado  
Que hoje contigo, vou partilhar:

— Um tempo vivido, em outras paragens  
Que comigo vais desvendar  
Aquele foi tempo de muitos recados  
Duma juventude sempre a florir  
De esperanças e sonhos, a descobrir.

Passatempos, não faltavam...  
Convívios e bailes aos fins de semana  
No areal da praia, as crianças brincavam  
Em rodas girando, rindo e cantando

À tardinha, ou ao escurecer  
Havia, pois, que recolher

Já que o mato ocultava  
Alguns animais selvagens  
E o pior poderia acontecer.

Era um tempo de sol e calor  
Onde uma jovem de muito fulgor  
Viveu aquele tempo, com muito amor!

A jovem cresceu  
A aldeia, também  
Uma pessoa especial conheceu  
E uma mulher se transformou.

Com o sonho a desabrochar  
Uma família regou  
Com três rebentos, para cuidar.

Neste tempo, agora presente  
Continua recordando o passado ...  
Mas o tempo, **ai o Tempo!**  
Como gosta de ser memorado!

## Sem pressa para chegar

*Mariana Costa (1.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Ontem, descobri, escondidas no bolso de dentro do casaco,  
as margens do rio que um dia quis ser.

Na palma da mão, separo os grãos dos ponteiros do relógio,  
enquanto desperto com a intensidade das luzes  
de uma cidade ainda adormecida.

Olhando para a ampulheta da vida, recordo-me de quando escrevia  
poemas soltos,  
construindo palavras passageiras de um tempo sem destino.  
Vive em mim a memória de quando contava os minutos,  
subindo pelas horas paradas,  
no silêncio imóvel dos dias.

Alvorece.

Com esperança, agarro o norte de uma bússola pulsante,  
observando as fronteiras que se transformam  
pelo doce toque do rio.

Num sopro de vida, o peso das horas altera-se e,  
abraçada ao silêncio das árvores,  
sinto o bater de um peito, junto ao meu.

Tic, tac. Tic, tac.

Sinto a ternura do meu nome nos teus lábios  
e o assombro de ser lida pela tua voz, com tempo e paciência,  
sem pressa para chegar.

Tic, tac. Tic, tac.

Junto a ti, recordo como se escrevem as palavras,  
encontrando, dentro de nós, a sincronicidade da poesia.

Um sorriso embrulha-me o rosto:  
Já não caminho sozinha.  
Hoje, sei que o para sempre existe adentro dos teus olhos e,  
na efemeridade do caminho, mergulho em ti, em cada segundo.

Tic, tac.

Tic.

Tac.

Hoje, descobri, escondidas no bolso de dentro do casaco,  
as margens do rio que sou,  
e, na clareza de ouvir outro coração no meu,  
percebi que cabe muita vida em cada verso.

## Diálogo com o tempo

*Maria Leonor Brites (2.º Prémio)*

Estudante da ESECS

— Ó Tempo, volta para trás!

Faz... faz... faz!

— Naaaaaaão (responde o Tempo, misericordiosamente)!

Eu sou irreversível, Inexorável... intangível!

— Louco... tem pena de mim... neste frenesim sem fim...!

— **Oh!... Como?** Que fantasia!!!

— Desnaturado... malvado!

— **Oh!... Como?**

— Ó Tempo..., espera lá!

— Como és ingénuo...! **Oh!... Como?**

— Ó Tempo, canta... canta... canta!

— Eu conto... eu conto... eu conto!

— És um homicida... fratricida... parricida..... matricida!

— **Oh!!!... Como?**

— Ó Tempo... Ousado...

Cansado...

Louvado!...

Tem pena de mim!!!

## O mar

*Mariana Pereira (2.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Ouve, minha querida,  
olha que o tempo passa  
tão depressa e sorrateiro,  
um bichinho apressado,  
esfomeado e certo.

Procuras quem foste  
pelos campos distantes,  
e ela sorri, corada:  
estava certa de tudo  
mas não sabia de nada.

Hás de como lhe contar  
que o tempo com tudo acaba?

Secou a nossa amoreira,  
a maior árvore do mundo.  
Foi abrigo fresco e seguro  
dos verões quentes e longos.  
Era o céu, foi o futuro.

Aqueles grandes cães,  
que patrulhavam o jardim,  
vão tombando com a idade.  
Entristece-te que quando partam

sintas menos a saudade.

O gato gordo e meigo,  
que julgávamos imortal,  
enroscou-se nos olivais,  
e como numa longa sesta,  
já não se mexeu mais.

E até as velhas cadeiras  
da esplanada desistiram:  
para que hão de elas existir  
se mais ninguém se senta  
para rir, e rir, e rir?

E as certezas do que é,  
deixarás de as ter.  
Escorrem-te pelas mãos  
momentos de ternura  
que outrora eram razão.

Mas sabes também, meu amor,  
(ou depressa saberás)  
que o tempo também trás  
certezas do que és e  
segurança do que serás.

Ele sussurra-te, indiferente,  
(como faz a tanta gente),  
que o tempo que tu tens

só a ti te pertence.

Diz-te que esta vida,  
tão curta e distinta,  
depressa corre,  
depressa finda.

E algures na aflição,  
nasce uma nova razão:

Só te restará aceitar  
a brevidade dos momentos.  
Acariciá-los no agora  
enquanto são presente.

Vê-los partir, sem chorar,  
quando chegar o tempo  
de o tempo os levar.  
Deixar que a mágoa  
que insiste em ficar  
se torne como o mar:  
um ciclo infinito  
entre ondas  
e mergulhar.

## O tempo passa

*Maria Leonor Brites (3.º Prémio)*

Estudante da ESECS

**O Tempo** passa...repassa...trespassa...

Olha a vidraça...o que esvoaça...

Não tem graça! (comenta o que passa.)

**O Tempo** é Agora! Olha: “hora a hora Deus melhora!”

“Amanhã... pode ser tarde.”

Regarde: olha...vê!

Não deixes passar esta “linda brincadeira”

É asneira!

“Não tenho Tempô... Não tenho tempô...Não tenho Tempô!”

Era uma estória que alguém querido contava aos netos.

Era a estória da burra branca e da burra preta.

Mas não era uma treta!

A ele, **o Tempo**, não há intento!

Não tento...não tento...

Tal como ao vento...

Aguento!

## Gato cinzento

*Mariana Pereira (3.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Gato cinzento,  
feliz e contente,  
por que ronronas?  
Por que és ternurento?

Exploras a correr  
pelo campo aberto,  
de tudo estás certo  
sem nada saberes.

Sobes às arvores  
e voltas para mim,  
não sabes que o tempo  
a tudo põe um fim?

És como o vento,  
como a natureza:  
livre de dúvida,  
cheio de certeza.

Esta roda que me aflige  
e que tento parar,  
a ti não te afeta,  
és felino, és luar.

Gato cinzento  
que mias por miar,  
sempre que desespero  
oiço o teu ronronar.

## Fragmentos do instante

*Ana Domingues (Menção Honrosa)*

Estudante da ESECS

O tempo é um copo cheio  
Que até, por vezes, transborda,  
Com memórias que escorrem,  
Silenciosas, pela borda

Não espera, não recua,  
Não se curva às despedidas,  
Só passa e arrasta  
A vida

O café arrefece  
O tempo continua  
Sem olhar para trás

E nós, no meio,  
A tentar agarrar cada instante,  
Mas o tempo não para  
E nós perdemos o instante.

## Conspiração do tempo

*Mariana Costa (Menção Honrosa)*

Estudante da ESECS

Percorremos um tempo sem tempo,  
enrolados em datas, prazos e vencimentos.  
Num desassossego fugaz e oco de vida,  
vive-se com pressa, protela-se o presente,  
presos ao inverno de um mostrador de adiamentos.

A esperança é dilatada para amanhã,  
num hoje parcamente vivido por quem habita janelas digitais.  
Fazem-se contas à vida, ainda por viver,  
dividindo-se, em percentagens e momentos,  
a ilusão de quem ousa sonhar, um pouco mais.

Olho para um mundo que aceitou o absurdo de  
correr atrás dos braços de um relógio sem pés.  
Entristece-me a voracidade com que devoram a calma que não têm,  
obrigando-se a uma presença com pressa, idade certa e  
data-limite para os lugares, voos, vagas e marés.

— Cresceram demasiado depressa.  
Faltou-lhes tempo para sentir o assombro pueril da infância,  
que escasseia, agora, nas memórias que não construíram,  
quando se deitam numa vida desocupada de significância.

— Recuso-me a seguir um tempo imposto.  
Quero encontrar a urgência da eternidade.

Aprender o sabor da velocidade do vento.  
Mergulhar na corrente das estações do ano.  
Soprar instantes de gentileza e alento e  
provar, nos lábios, a força das tempestades.

Respirando uma nova esperança,  
carrego as raízes da saudade no peito,  
que bate ao som de um sonho sem idade:  
Estar junto a ti.  
Ver-te crescer.  
Envelhecer contigo.

No pulso, um relógio parado.  
Nos olhos, o deslumbre perante a vida.

Agasalho-me em palavras e coragem e,  
vestindo a cidade de silêncios pacientes,  
trago, no coração, a força de uma mensagem:  
— Desfrutem do presente.

Há um ano, descobria, com ainda mais fascínio,  
a vulnerabilidade do tempo que não espera.  
Hoje, percorrendo o frio dos dias de dezembro,  
o teu abraço já me fez sentir, por momentos,  
a ternura da  
primavera.

## ESCALÃO 2 – PESSOAL DOCENTE

### Tempo, passado e presente

*Lídia Simão (1.º Prémio)*

Docente da ESTG

Morro e vivo nos declives do que penso e imagino,  
E as palavras não se calam em mim nem um pouco,  
Quando tantas vezes escrevo em espiral inquieta,  
Buscando algum sossego para a mente turbulenta,  
Voando quando as dores não se calam, nem embalam,  
Tentando suavizar os suspiros expedidos em sufoco,  
Quando a memória fotográfica se agita no coração,  
Sentindo meu olhar suspenso no tempo de outrora!

E arrumo pouco a pouco, todos os demónios internos,  
Abraçando-me ao receber do universo mais um dia,  
A noite que carregue o fardo, já que recuso desistir,  
E a minha alma já só aceita flores raras perfumadas,  
Querendo semear cor na realidade do tempo presente,  
Pois a companhia de tudo o que é por demais ausente,  
É batalha perdida, sem tempo para adicionar ao tempo,  
E a esperança e a força são pilares dum bom caminho!

Há ainda alguma dor que só em versos vou confessando,  
Pois a saudade é alegria escrita em lágrimas suspensas,  
E canto sorrisos para lá daquilo que a razão ainda sente,  
Quando o coração deseja dançar, e a realidade me mente,  
E a alma almeja paz acima do desequilíbrio permanente,

E tudo se acerta, e tudo se transforma e quiçá, se resolve,  
Ficando as lamechices duma sensibilidade desmesurada,  
Arrumadas na gaveta das estórias que o tempo não apaga!

**Maria Simas 1, 2025**



## Peso do tempo

*Lídia Simão (2.º Prémio)*

Docente da ESTG

Traz o peso do tempo um cansaço que pode paralisar,  
 Como se o sono não fosse suficientemente reparador,  
 E não há lágrimas pojanter depois da apatia se instalar,  
 Restando cacos, pedaços soltos, abraços não dados,  
 E muito custa morrer e renascer para superar a dor,  
 E o céu dos sonhos, outrora certo, já não nos diz nada,  
 As certezas partiram e moram agora em parte incerta,  
 Fruto da morte das danças partilhadas em modo gentil,  
 E a alma dita silêncios que são gritos surdos de alerta!

E o chão precipita-se no abismo do silêncio inconfessado,  
 A chuva embrulha-se na poesia sem nexa, chorando dor,  
 A esperança ausenta-se de um coração que foi espoliado,  
 Não havendo vitória quando vida é retirada a um amor,  
 E as lágrimas não choradas por um peito tão retalhado,  
 São memórias quebradas pelas vicissitudes da escolha,  
 Versos cuja agrura das sílabas significa mágoa e passado,  
 Silêncio de mil significados condensado num momento,  
 Fé perdida no tempo, sem tempo para dar mais tempo!

E chora-se a vida em versos de conteúdo desamparado,  
 E a azia da derrota é marca do tempo no olhar perdido,  
 Quando a alma diz basta, mas o peito está impreparado,  
 E nada sacia a chuva que colada no rio, sonhava ser mar,  
 E a conjugação outrora perfeita, vira deserto impiedoso,

E o absoluto da beleza torna-se pântano tão escurecido,  
E questiona-se a verdade do perfume, agora já duvidoso,  
Quando quase todas as certezas perderam todo o sentido,  
E tudo o que queremos é mais tempo, sem ter de esperar!

ESCALÃO 3 – PESSOAL TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

**Efémero!**

*Ana Cunha (1.º Prémio)*

Técnica-administrativa da ESECS

O tempo, síncope, reflexo, reverso,  
O gesto, o abraço, o sorriso e o verso  
A palavra, o traço, o olhar,  
O toque, a impressão, o arrepio  
O compasso, o som, o ritmo,  
O sol que espreitou,  
A chuva que se fez convidada  
O calor, os bons espíritos e a família  
Os amigos, as amigas, que de longe se fizeram perto  
Nenhum elemento foi esquecido, nem faltou  
O efémero, que bonito, se queria eterno!

## ESCALÃO 4 – ALUMNI

### A última folha de outono

*Cheila Roça (1.º Prémio)*

*Alumni da ESECS*

Estava a passear pelo parque,  
Quando os meus olhos se apaixonaram  
Pela última folha de outono.  
Ela estava teimosamente fixa a árvore,  
Enquanto todas as restantes folhas  
Jaziam douradas sobre o chão.  
Esta folha era linda,  
Com uma paleta de cores,  
Entre o vermelho e o violeta  
Sobressaindo entre todas as folhas douradas.  
Era uma folha especial,  
Com um tempo e uma história,  
Únicas!  
Todas as folhas douradas,  
Viveram felizes e realizadas,  
Porém junto de si havia  
Uma pequena e insignificante folhinha  
Em quem ninguém reparava,  
Ela era tão simples,  
Quem ninguém a via,  
Porém todas as folhas caíram,  
Ficando a definhar sobre o solo  
E a pequena folhinha sobressaiu

Apaixonando todos!  
Era a sua diferença  
Que a tornará, especial!  
As suas cores iluminavam o outono  
Dando esperança,  
De um amanhã renovado.  
Aquele pequena folhinha  
Que sempre se achará insignificante  
Percebeu que todos temos,  
Uma magia única  
Que pode mudar o mundo de alguém!  
Temos de respeitar,  
O nosso ritmo,  
Pois um dia iremos brilhar!  
E iluminar a vida,  
De quem tiver a sensibilidade,  
De nós observar,  
E aprender a admirar.

## Tacadas de vida, tempo para ganhar...

*Cheila Roça (2.º Prémio)*

*Alumni da ESECS*

Passamos a vida a jogar,  
Um jogo que nunca imaginamos acabar,  
Continuamos tacada a tacada  
Em busca da magia da felicidade,  
Durante este jogo  
Raramente buscamos a felicidade  
O relógio corre freneticamente,  
Em cada jogada,  
Procuramos chegar ao fim  
Com um jogo perfeito,  
Olhamos o campo pensativo  
Como se fosse a última oportunidade  
De provar ao mundo o nosso valor,  
Continuamos freneticamente  
O jogo não pode parar  
Temos de ser os melhores,  
Queremos escrever uma história de sucesso,  
Esquecendo que o outro  
É o nosso maior reflexo,  
Passamos ao lado de tudo  
Para sermos melhores,  
Não paramos um segundo até vencer,  
Finalmente o jogo acabou,  
Somos campeões de nada!  
Agora fica um vazio,

Quem me dera,  
Partilhar o caminho,  
Perder o jogo e ganhar vida!  
Fazer o relógio para só uma vez  
Para guardar a imagem do horizonte,  
A felicidade não está  
No fim da jornada  
Porém, em cada jogada!  
Partilhando o caminho  
Ganhamos o jogo da vida!  
Não permitamos ver  
A ampulheta acabar  
Antes de conjugar o verbo amar...

## Mas, porque será?

*Idália Bento (3.º Prémio)*

*Alumni da ESECS*

Mas, porque será?  
Que o tempo passa, e não volta?  
Mas, porque será?  
Que o tempo corre, e não anda?  
Mas, porque será?  
Que eu corro atrás do tempo  
Quando de verdade não o desejo?  
São voltas, e mais voltas  
São voltas infinitas  
Transparentes,  
Translúcidas como água cristalina.  
Uma questão em que não há  
Tempo,  
Uma resposta indecifrável  
Uma pergunta inquestionável,  
E tudo,  
Porque o tempo não é indeterminável.

## Páginas de uma vida

*Idália Bento (Menção Honrosa)*

*Alumni da ESECS*

Que posso eu dizer  
Acerca da minha própria  
História de vida.  
Um caminho onde não existem  
Linhas, páginas  
Cadernos e livros recomendados.  
Bíblias, ou até mesmo,  
Bibliotecas que expliquem  
O sentido das páginas  
Da minha própria história de vida.

Caminho pela vida  
Sem rumo perdida  
Mas, de novo eu me encontro.  
O tempo que não passa  
Parece parado no tempo.  
A distância entre mim e a vida,  
São infinitas  
Onde não cabem horizontes.  
Me perdi, na estrada da vida  
Simplesmente,  
Porque me esqueci de mim.  
E o tempo que ficou e não parou  
Olho para trás,  
Não me reconheço e desconheço-me,

Perante uma caminhada singela  
Questiono, porque estou aqui?  
Mas a resposta  
Não está em mim  
Mas sim, no próprio tempo.  
Em estátua perpetuo  
Em estátua sou luz que guia o futuro...

Catarina Polónia Silva 1, 2025





## Posfácio

### As múltiplas faces do tempo: perspectivas filosóficas e culturais

Dina Alves

Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC), Universidade de Coimbra &  
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria

**É** no abraço do tempo que o Homem aprende a esperar, a desejar, a recordar, fazendo da sua breve passagem um entrelaçado de momentos que procuram a eternidade. Cada instante é como uma chama breve, que arde e se apaga, deixando no coração a marca do vivido e a promessa do que ainda virá. Entre a ânsia de conter-lhe o fluxo e a entrega ao seu mistério, no diálogo silencioso com o tempo, o Homem descobre-se viajante, navegando não para dominar o tempo, mas para ser por ele revelado, e, simultaneamente, frágil e eterno, fragmento de poeira no universo, mas também guardião da sua história.

O tempo é uma das mais antigas e persistentes inquietações que a humanidade ousou formular ao longo do seu *devir* histórico. Desde os mitos ancestrais até às mais refinadas especulações filosóficas, ele surge como presença incontornável: acompanha-nos no primeiro sopro de vida, sustém-nos no crescimento e conduz-nos, inevitavelmente, ao limiar da morte. Talvez nenhum outro conceito traduza tão bem a condição paradoxal da existência humana. Sempre presente — visível na luz que se apaga ao entardecer, no corpo que lentamente se transforma, no calendário que insiste em avançar —, permanece, no entanto, inalcançável na sua essência. É, simultaneamente, horizonte e abismo: horizonte porque torna possível a experiência e a memória, abismo

porque nunca se deixa possuir por completo. É mistério e medida da mudança, pano de fundo, sobre o qual se desenrola a experiência humana. Silencioso, às vezes veloz, outras vezes arrastado, marca o ritmo de cada instante vivido, sem nunca se deter. Escapa às mãos que procuram segurá-lo, mas revela-se no coração que guarda lembranças e projeta esperanças. Constitui a moldura invisível da existência, mas escapa a toda e qualquer tentativa de o capturar em definitivo.

Enigmático, desafia a razão humana que, desde a filosofia de Heráclito até à modernidade, se dedica a pensar-lhe os contornos. Evidente e inapreensível, íntimo e distante, ele é o tecido invisível no qual a vida se inscreve e, ao mesmo tempo, o limite que recorda ao Homem a sua finitude e a sua busca da eternidade.

“O que é o tempo?”, perguntamos. Se à primeira vista a resposta parece simples, a história do pensamento prova-nos que é uma questão que resiste a respostas fáceis e imediatas, constituindo uma realidade impossível de definir em absoluto. É conceito e experiência. Enquanto conceito, é pensado em categorias abstratas, tanto como medida objetiva dos movimentos cósmicos, quer como estrutura interna da consciência. Como experiência, apresenta-se em múltiplas formas: a memória, a espera, o ritmo da natureza, a saudade, a aceleração da vida contemporânea, o tédio ou a fugacidade de um momento que se eterniza numa lembrança. Evidente na experiência, escapa a tentativas de elaborar um conceito: o presente existe, mas, ao mesmo tempo em que é vivido, já se desfaz; o passado não é, já foi, mas constitui-nos, faz parte de nós, ajuda a moldar-nos; o futuro ainda não é, mas orienta-nos e é nele que depositamos as nossas esperanças, as nossas expectativas.

Somos seres temporais: nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos no tempo. Universal, é de todos e para todos. Contudo, a sua vivência é singular. A nossa consciência é atravessada pela memória

do passado e pela expectativa do futuro. Agimos porque nos projetamos em horizontes temporais. O que seria do ser humano sem essa expectativa do que virá, do futuro e do que poderá nele concretizar? Por outro lado, enquanto aguardamos expectantes pelo futuro, também o tememos pela sua imprevisibilidade.

O tempo será, talvez, a maior metáfora da condição humana. Recordamos a nossa finitude e, simultaneamente, a nossa capacidade de dar sentido à existência. Cada civilização, cada época e cada pensador encontrou nele um espelho das suas preocupações de ordem cósmica, de salvação, de progresso, de identidade, de memória, de sobrevivência ou, entre muitos outros, de produtividade. Não existe um único tempo, mas sim múltiplos tempos: o tempo cósmico, o cronológico, o biográfico, o histórico, o narrado, o psicológico, o social, o escatológico, o físico, entre outros. Coexistem, entrelaçam-se e, não raras vezes, entram em conflito, em tensão. Dependendo do período em análise, surge também como horizonte existencial. Se para os medievais era o espaço da salvação, para os modernos era o palco por excelência da razão e da ciência, enquanto para os contemporâneos, nós incluídos, é o campo de luta contra a alienação provocada pela aceleração dos ritmos de vida e contra a tirania do imediato e do imediatismo.

O tempo não se esgota no ser humano. A Física recorda-nos que há escalas de tempo que ultrapassam em muito a nossa imaginação: os cerca de 12 a 13 milhares de milhões de anos do universo (idade, ainda assim, não consensual e em constante revisão, segundo o Observatório Astronómico de Lisboa), as frações de nanossegundos do mundo quântico, entre outros tempos que vão muito além do ser humano. Situamo-nos entre essa vastidão do universo e a intimidade da memória individual, numa posição frágil, mas profundamente significativa.

A Literatura e a Filosofia procuraram, ao longo da História, múltiplas

formas para compreender o tempo. Nos últimos dois séculos (XX e XXI), surgiram novas perspectivas sobre ele, oriundas da Física, da Neurociência e da própria experiência cultural contemporânea, o que exige, para a sua análise e compreensão, um diálogo aberto entre as tradições clássicas e as mais recentes descobertas. Desde os mitos antigos, passando pelas reflexões filosóficas dos clássicos, até às teorias físicas contemporâneas, o tempo revelou-se, e continua a revelar-se, um conceito polissêmico em constante metamorfose. Linear para uns, conduzindo inexoravelmente de um começo a um fim, é cíclico para outros, reproduzindo-se em ritmos eternos. A ciência moderna entende-o como coordenada fundamental do universo, ligada à matéria e ao espaço. A Filosofia percebe-o como uma experiência íntima, ligada à consciência e à existência. O tempo nunca teve — e nunca terá — um único significado.

A Literatura, por exemplo, ao dramatizar essa condição, consegue oferecer algo que a Filosofia e a Física, por exemplo, não alcançam sozinhas: a possibilidade de o ser humano poder viver o tempo pela imaginação. Os contos infantis não começam por “Era uma vez...”, esse tempo passado, difuso, não localizado, que existia apenas na imaginação do autor e dos leitores? Os livros não nos “transportam” para o passado ou para o futuro a partir das suas narrações, descrições e tramas? Não vivemos na Idade Média, mas não fomos nós transportados para ela pela pena de Umberto Eco na sua obra *O Nome da Rosa* (1980), e acedemos, pelas palavras do autor e pela nossa imaginação, ao ambiente escuro e sombrio do mosteiro beneditino e do seu *scriptorium*, espaços privilegiados da trama?

Antes de ser objeto de especulação filosófica ou científica, o tempo foi, sobretudo, uma realidade vivida através do mito e do rito. Nas culturas antigas, era inseparável da natureza e das forças divinas. A

vida comunitária era organizada pelo movimento dos astros, pela alternância das estações, pelo ciclo do dia e da noite. Babilônios e sumérios desenvolveram sistemas de medição do tempo — o calendário —, baseados na observação astronômica, concebendo-o como um ciclo que refletia a reposição dos ritmos naturais e das festividades religiosas. O novo ano era celebrado como uma renovação do cosmos, na qual o caos inicial era simbolicamente recriado e vencido, garantindo a continuidade da ordem. A religião e o Nilo marcavam a relação dos egípcios com o tempo, distinguindo o *neheb*, tempo cíclico, humano e perecível, associado ao movimento do Sol e ao renascimento, humano e perecível, e o *djet*, tempo eterno, divino e imutável, associado ao domínio dos deuses e ao além (Camara, 2020). Nas culturas orientais antigas, como a hindu e a budista, o tempo era uma sucessão interminável de ciclos — nascimento, morte e renascimento —, a *samsara*, numa concepção em que o tempo não avança para um fim último. Estas civilizações revelaram uma primeira forma de pensar o tempo, não como abstração, mas como a experiência vivida na relação com a natureza e o sagrado.

Com os filósofos gregos, o tempo começa a ser problematizado de forma racional. A transição do mito para o *logos* trouxe consigo a tentativa de o compreender enquanto categoria fundamental da realidade.

Entre os primeiros pensadores a refletir sobre o tempo, Heráclito de Éfeso ocupa um lugar singular. Para ele, o mundo encontra-se em constante transformação — nada permanece idêntico a si mesmo, e tudo está submetido ao fluxo ininterrupto do *devenir*. A sua célebre afirmação *panta rhei* (“tudo flui”) tornou-se símbolo dessa visão dinâmica da realidade (Rocha, 2004). A metáfora do rio, no qual “não se pode entrar duas vezes”, ilustra de forma exemplar essa concepção. O rio parece o mesmo aos nossos olhos, mas as águas que o compõem

renovam-se incessantemente. Assim também é o tempo: contínuo, mutável e irreversível. Heráclito rompe, portanto, com a ideia de um tempo imóvel ou cíclico e inaugura uma compreensão profundamente existencial da temporalidade — uma dimensão inseparável da própria experiência humana e da natureza. Para o filósofo de Éfeso, o tempo não é uma sucessão de momentos isolados, mas um processo contínuo de transformação, onde o ser e o vir-a-ser se entrelaçam (Rocha, 2004). O *devenir* heraclítico, contudo, não se confunde com o caos, pois é regido pelo *logos*, princípio racional que confere ordem e medida às mudanças do mundo. Assim, a fluidez não é desordem, mas expressão de uma harmonia oculta que sustenta o cosmos. Nessa tensão entre mutação e permanência, Heráclito inaugura o primeiro grande dilema filosófico sobre o tempo: como pode algo mudar e, ainda assim, conservar uma identidade? Essa questão atravessará toda a história do pensamento ocidental nos séculos seguintes, de Platão a Heidegger. O tempo, desde então, revela-se como o campo em que a vida se manifesta — incessante, fugaz, mas também estruturada por uma ordem que escapa à percepção imediata.

Em contraste radical com Heráclito, Parmênides de Eleia defendia a imobilidade do ser, negando a realidade do tempo e do *devenir*. No seu poema *Sobre a Natureza*, afirma que o ser é uno, eterno e imutável, “um todo pleno. É um todo contínuo: o ser une-se ao ser. É imóvel nos termos de seus vastos elos. Sem princípio, sem fim” (Parmênides, como citado em Barbieri, 2020, pp. 320-321), pelo que a mudança, o nascimento e a morte seriam ilusões dos sentidos. Consequentemente, o tempo não é real, é uma ilusão, um engano dos sentidos (*doxa*, opinião ou senso comum) que nos afasta da verdade racional (*aletheia*). O ser autêntico é imóvel, não tem passado nem futuro, mas apenas um presente eterno (Galgano, 2019; Heidegger, 2008).

O antagonismo entre Heráclito e Parmênides inaugura uma das tensões fundamentais da filosofia ocidental: o tempo é fluxo ou ilusão? Ele é constitutivo do ser ou apenas aparência? Esta dicotomia reaparecerá na filosofia posterior, do platonismo ao idealismo alemão, do cristianismo medieval às teorias contemporâneas.

A concepção de tempo de Platão destaca-se pela profundidade e alcance metafísico, oferecendo, também, uma síntese inovadora das duas perspectivas anteriores. No diálogo *Timeu*, o tempo foi definido como “a imagem móvel da eternidade”, pois a “natureza daquele ser era eterna, e não era possível ajustá-la por completo ao ser gerado” (Platão, p. 109). Segundo o filósofo, o tempo nasce com o cosmos e o Demiurgo, “criador e pai do mundo” (Platão, p. 95), princípio ordenador e racional, ao organizar os movimentos dos astros, instituiu também o tempo, que é, portanto, cósmico, e que se mede pelos movimentos regulares dos corpos celestes. Contudo, essa dimensão mensurável do tempo — o ritmo dos dias, das estações e dos anos — não esgota a sua essência. Platão distingue o mundo sensível, sujeito ao tempo, e o mundo das ideias, eterno e imutável. O tempo é o reflexo móvel da eternidade: reproduz, de modo imperfeito, a estabilidade do ser verdadeiro. Enquanto o mundo das ideias permanece idêntico a si mesmo, o mundo sensível está sujeito ao *devenir*, à mudança e à impermanência. Duas consequências resultam desta concepção: a cosmológica, na qual o tempo é regulado pela ordem do universo, cíclico, ligado à repetição do movimento dos astros, e a metafísica, na qual o tempo, por ser cópia da eternidade, possui uma natureza inferior, sendo uma sombra do ser verdadeiro (Platão, *Timeu*). A filosofia platônica, ao estabelecer a distinção entre o mundo temporal e o eterno, influenciou a tradição ocidental, que a teologia cristã retomou, concebendo o tempo como uma dimensão transitória da criação, subordinada à eternidade divina.

Aristóteles, na sua obra *Física*, Livro IV, propôs uma definição que marcará séculos de pensamento: o tempo é “número del movimiento según el antes y después” (Aristóteles, p. 271), não existindo por si mesmo, mas como medida do movimento, ligado à mudança e apreendido pelo intelecto como contagem. Desta definição decorrem três aspetos essenciais: o tempo está ligado ao movimento, pelo que sem movimento, não há tempo; é mensurável, é número e medida; e é relacional, dependendo do antes e do depois, não existindo como substância independente. Contrariamente a Platão, o seu discípulo não subordina o tempo a uma eternidade transcendental, mas vincula-o à experiência concreta do movimento no mundo físico: não é substância, mas acidente do movimento. Aristóteles não deixa de reconhecer um paradoxo. O tempo parece ser composto de instantes (*agora*), mas o “*agora*” em si é indivisível e não possui duração. Assim, o tempo oscila entre ser contínuo e ser uma soma de instantes.

A literatura grega também elaborou experiências do e com o tempo. Na tragédia, o tempo é destino. Por exemplo, em *Rei Édipo*, de Sófocles (trad. 2024), a temporalidade é inseparável da revelação trágica e o passado desconhecido regressa para determinar o presente e selar o futuro. O tempo da tragédia é irreversível e inevitável. A poesia lírica traz-nos outra dimensão: o tempo da vida humana como fugacidade. Poetas gregos como Píndaro, cantam a glória efémera dos heróis, comparando a vida a um sopro ou a uma sombra passageira, a consciência da mortalidade.

A expansão do Império Romano e a crescente influência do Cristianismo, trará novos contornos ao tempo. Cícero e Séneca refletiram sobre a brevidade da vida e a necessidade de aproveitar o tempo com sabedoria (*carpe diem*). Séneca, no tratado *De Brevitate Vitae* afirma que a vida não é curta, mas que nós é que desperdiçamos

o tempo (trad. Damian Stevenson, 2015).

A Idade Média trouxe uma transformação profunda na concepção do tempo, marcada sobretudo pela influência do Cristianismo e pela centralidade da Teologia. Se na Antiguidade o tempo era pensado em termos cíclicos ou como medida do movimento, a visão cristã introduziu-lhe uma dimensão escatológica e linear: a História tem um início absoluto (Criação), um centro do tempo, marco da redenção (Encarnação de Cristo) e um fim (Juízo Final). O tempo medieval, estruturado na e pela Bíblia, é concebido como uma linha orientada para a Salvação e a história humana uma narrativa providencial que se dirige para um propósito último, introduzindo uma linearidade que a diferenciava radicalmente da visão cíclica das religiões antigas. Esse esquema confere-lhe um sentido moral e espiritual, em que cada instante tem valor porque pode aproximar ou afastar o ser humano da salvação.

Na transição entre a Antiguidade e a Idade Média, Santo Agostinho de Hipona inaugurou uma das mais influentes reflexões sobre o tempo que marcaria profundamente a filosofia cristã e a tradição ocidental. Nas *Confissões*, em particular no Livro XI, coloca uma pergunta simples e desconcertante: “O que é, pois, o tempo?” (cap. XIV, p. 567). A resposta, porém, revela-se complexa, pois “Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (cap. XIV, p. 567), uma vez que o tempo, embora vivido e experimentado por todos, escapa a qualquer definição objetiva. Para Agostinho, o tempo não é uma realidade externa e independente, mas uma experiência interior da alma. O passado, o presente e o futuro não existem como entidades separadas no mundo, mas como modos distintos da consciência humana. O passado sobrevive na memória, o futuro manifesta-se na expectativa, e o presente é captado na atenção —

um instante fugaz que logo se dissolve. Assim, o tempo não está “fora” do homem, mas “dentro” dele, na forma como vive, recorda e espera. Esta conceção subjetiva e espiritual do tempo representa uma rutura com a tradição cosmológica herdada dos gregos. Agostinho desloca o centro da reflexão para o interior da alma e o tempo torna-se, assim, uma tensão da consciência: a alma humana estende-se entre o que foi e o que será, procurando sentido na passagem incessante dos instantes. Em contraste com o tempo humano, marcado pela sucessão e pela mudança, Deus habita a eternidade. Esta não é um tempo infinito, mas a ausência de tempo — um presente absoluto, sem antes nem depois (Santo Agostinho, Livro XI). O tempo é o sinal da finitude humana, mas é também o espaço da redenção, pois é dentro dele que se desenrola a história da salvação. A reflexão agostiniana inaugura uma nova forma de o pensar: não como medida física ou cósmica, mas como experiência existencial. Essa distinção entre o tempo criado e a eternidade divina tornou-se central para a tradição medieval, abrindo caminho para o pensamento escatológico: a vida terrena é temporária, mas aponta para a eternidade que transcende o tempo.

No século XIII, Tomás de Aquino retomou Aristóteles, mas reinterpretou-o à luz da teologia cristã. Na *Suma Teológica* (trad. 2001) desenvolveu uma visão articulada do tempo em relação ao movimento, à eternidade e à criação. À semelhança de Aristóteles, define o tempo como medida do movimento, mas acrescenta que o movimento do cosmos foi criado por Deus, o que significa que o próprio tempo tem início na criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*) e caminha para um fim. Aquino distingue três tipos de duração: i) o tempo, próprio dos seres corpóreos, marcados pelo movimento; ii) a eternidade, própria de Deus, ato puro, sem sucessão; e iii) *aevum*, a duração intermediária, própria dos anjos e das almas, sem mudança substancial, mas com

possibilidade de mudança acidental (Müller, 2010).

A experiência temporal medieval também se expressou na arte e na literatura. Nos vitrais das catedrais, o tempo era representado pela sucessão das estações, dos trabalhos característicos de cada mês e, entre outros, por imagens do Apocalipse. A poesia trovadoresca abordava temas como o *ubi sunt* (“Onde estão aqueles que foram antes de nós?”), servindo de reflexão sobre a consciência da morte, a mortalidade, a brevidade da vida e a passagem do tempo, gerando um sentimento de melancolia. O tempo medieval era simultaneamente cósmico, espiritual e comunitário. Não era vivido apenas como medida abstrata, mas como ritmo de salvação e de memória coletiva.

A chegada da modernidade, entre os séculos XVI e XVIII, conduz a uma mudança decisiva na concepção do tempo. A revolução científica, a nova física e o racionalismo filosófico alteram profundamente a forma como o tempo é entendido e vivido. O desenvolvimento dos relógios mecânicos, a partir do final da Idade Média e sobretudo no Renascimento, teve um enorme impacto nessa mudança. O tempo deixou de estar ligado apenas aos ciclos naturais (dia / noite, estações) para ser medido de forma abstrata, regular e independente. O relógio tornou-se o símbolo da modernidade: a vida urbana, a disciplina do trabalho e a própria ciência começaram a organizar-se em função de uma noção de tempo uniforme e quantitativo e, conseqüentemente, deixou de ser apenas vivido — passou a ser medido e controlado.

René Descartes trouxe uma nova abordagem ao conceito. O tempo era parte da ordem criada por Deus, mas podia ser compreendido pela razão humana. Na sua metafísica, o tempo não era apenas uma categoria física, mas estava também ligado à duração e à existência da alma, antecipando, de certo modo, o debate posterior entre a objetividade e a subjetividade do tempo. O projeto cartesiano busca a certeza a

partir da dúvida metódica, e o tempo entra como uma dimensão do pensamento e da existência finita, sendo homogéneo, contínuo e mensurável — uma linha que pode ser calculada, sem mistério. Nas suas obras, *Discurso do Método* e *Meditações Metafísicas*, Descartes enfatiza a fragilidade do ser humano frente ao tempo: cada instante de existência depende de Deus, que sustenta continuamente o ser. Na sua conceção, embora ainda com algumas reminiscências teológicas, o tempo começa a ser pensado de forma mais racional e linear (Targa & Machado, 2018).

O século XVII testemunhou um dos grandes debates da história da filosofia e da ciência: a radical divergência sobre a natureza do tempo entre Isaac Newton e Gottfried Wilhelm Leibniz (Sita, 2019). O primeiro, Newton, na sua *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica* (1687), defendia que o tempo é absoluto, verdadeiro e matemático, idêntico em todos os lugares, contínuo e infinito, fluindo uniformemente por si mesmo, independentemente de qualquer acontecimento ou percepção. Mesmo que nada se mova, o tempo continua a passar, pois é uma estrutura ontológica objetiva, que existe em si. O tempo é como um palco imóvel sobre o qual os acontecimentos se desenrolam. Esta conceção serviu de base para a física newtoniana, onde as leis do movimento e da gravitação dependem de um espaço e tempo absolutos. Em sentido contrário, o segundo, Leibniz, defendia que o tempo não é uma substância ou entidade autónoma, mas uma rede de relações entre eventos, a ordem das sucessões, só existindo na medida em que há mudanças, pelo que sem acontecimentos, não há tempo (Sita, 2019). Entidade em si, como defendido por Newton, ou relação entre eventos, como entendido pelo matemático e filósofo alemão? Teríamos de aguardar até ao século XX para vermos ressurgir esse dilema, quando Einstein e a sua teoria da relatividade questionar a

noção de absoluto.

O filósofo iluminista alemão Immanuel Kant (1724-1804) introduziu uma rutura decisiva com o pensamento anterior, rejeitando tanto a conceção absoluta de Newton, como a puramente relacional de Leibniz. Na sua obra *Crítica da Razão Pura* (1781/1787), afirma que o tempo não é algo existente em si mesmo, nem uma simples relação entre eventos externos, nem uma realidade independente, mas sim uma forma *a priori* da sensibilidade, significando que o tempo não está “lá fora”, mas é uma condição necessária para qualquer experiência. É universal, necessário, único e infinito. O ser humano não conhece as coisas “em si”, mas apenas os fenómenos tal como se apresentam no espaço e no tempo, onde são percebidos, e é essa estrutura da mente que possibilita qualquer conhecimento (Kant, 2001). O tempo deixa de ser objeto da metafísica e passa a ser estrutura transcendental da experiência. Não sabemos o que o tempo é em si, mas sabemos que é condição para a possibilidade do conhecimento, conclui Kant (2001), inaugurando uma perspetiva que influenciaria decisivamente a filosofia contemporânea, em particular Husserl, Bergson e Heidegger.

Enquanto os filósofos modernos elaboravam conceitos, a literatura do Renascimento e do Barroco expressava experiências existenciais do tempo. Herdado de Horácio (“colhe o dia”), o tema do *carpe diem* floresceu no Renascimento. A vida é breve, a juventude passa rápido, e é preciso aproveitar o instante. Poetas como Luís de Camões, Pierre de Ronsard e William Shakespeare exploraram a ideia de que o tempo tudo devora, mas que a arte ou o amor podem resistir à sua tirania. No Barroco, a obsessão pelo tempo e pela morte intensifica-se. A literatura barroca é marcada pelo contraste entre a aparência e a essência, a efemeridade e a eternidade (Ramon, 2020). O tempo aparece como o devorador universal (*tempus edax rerum*). Autores como Francisco

de Quevedo e Luis de Góngora, em Espanha, e Gregório de Matos, no Brasil, enfatizaram a fugacidade da vida e a urgência da salvação. O relógio de areia e a caveira tornaram-se símbolos artísticos recorrentes, lembrando a todos a proximidade da morte (*memento mori*) (Ramon, 2020). Na pintura barroca, dominavam as “naturezas-mortas”, repletas de relógios, de velas apagadas e de frutas em decomposição, imagens que reforçavam a ideia de que tudo o que é terreno dissolve-se no tempo, restando apenas a eternidade como horizonte.

O século XX marcou uma autêntica revolução na compreensão do tempo. Se até então predominava a visão newtoniana de um tempo absoluto, uniforme e universal, a Física e a Filosofia contemporâneas desconstruíram essa ideia, mostrando que o tempo pode ser relativo, subjetivo e múltiplo. Simultaneamente, a Literatura e as Artes refletiram esta nova consciência, explorando as complexidades da memória, da duração e da experiência temporal fragmentada.

Albert Einstein transformou radicalmente o conceito de tempo com as suas teorias da relatividade. A primeira, a Teoria da Relatividade Restrita, de 1905, mostrou que o tempo não é absoluto, mas relativo ao movimento, pois dois observadores em diferentes estados de movimento podem medir durações diferentes para os mesmos acontecimentos. É nela que surge a famosa noção de dilatação temporal: quanto mais rápido um corpo se move, mais lentamente o tempo decorre para ele em comparação com um observador em repouso (Einstein, 1924). A segunda, a Teoria da Relatividade Geral, de 1915, vai mais longe, ligando o tempo à gravidade. O espaço e o tempo não são realidades independentes, mas constituem um espaço-tempo quadridimensional que pode ser curvado pela matéria, o que significa que o tempo pode fluir mais devagar em regiões de forte gravidade (Einstein, 1924). As suas descobertas abalaram a visão clássica do tempo e introduziram um

novo paradigma: o tempo é relativo, maleável e inseparável do espaço. Stephen Hawking, em obras como *Uma Breve História do Tempo* (1988), popularizou várias questões da cosmologia moderna, entre as quais a de que o tempo teria começado com o *Big Bang*, cerca de 13,8 milhares de milhões de anos atrás. Neste mesmo século, surgiu a hipótese de um “tempo imaginário”, em que as fronteiras do universo seriam como a superfície da Terra — sem bordas, mas finita. Questões como a flecha do tempo, a entropia e a possibilidade de universos múltiplos mostram como a ciência contemporânea lida com o tempo em escalas quase inconcebíveis, das partículas subatômicas aos horizontes cósmicos. A física quântica, por sua vez, levanta questões ainda mais radicais: em certas interpretações, o tempo pode não ser uma dimensão fundamental, mas emergente.

Enquanto a física transformava o tempo objetivo, a filosofia contemporânea voltou-se para a experiência subjetiva. Henri Bergson é um dos grandes nomes desta viragem. Nas suas obras *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência* (1889), *Matéria e Memória* (1896) e *A Evolução Criadora* (1907), distingue o tempo da física — mensurável, espacializado, cronológico — da “duração” (*durée*) (Bergson, 2011), vivida de forma qualitativa. O relógio mede intervalos, mas não a intensidade de uma espera ou a rapidez de um instante de felicidade, pelo que reduzir o tempo à cronologia, fragmentado em unidades, não será trair sua essência? A verdadeira experiência temporal, o tempo da consciência, é um fluxo contínuo, indivisível, criador, marcado pelo ritmo, intensidade e heterogeneidade. A “duração” bergsoniana, que se opõe à temporalidade mensurável da ciência, é qualitativa, feita de interpenetração de estados de consciência, memória e novidade (Bergson, 2011). Ao contrário do tempo espacializado da ciência, “A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha

ao avançar” (Bergson, 2005, p. 5): irreversível, contínua, criativa e vital. O passado subsiste no presente e o futuro já se anuncia nele. Como método filosófico capaz de apreender a duração, Bergson propôs a intuição, em oposição à inteligência que tende a espacializar.

A distinção de Bergson (2011) entre tempo cronológico e duração qualitativa pode ser confrontada com a física contemporânea. Einstein, com a sua teoria da relatividade, demonstrou que o tempo não é absoluto, mas relativo ao movimento e à gravidade. A noção de simultaneidade perde sentido, e o tempo físico torna-se elástico. Embora por caminhos diferentes, ambos criticaram a ideia de um tempo homogêneo e universal: o primeiro, a partir da experiência vivida; o segundo, a partir da matemática.

Edmund Husserl, fundador da fenomenologia, aprofundou a análise da consciência temporal, mostrando que a percepção do presente está sempre acompanhada de duas dimensões: a retenção, que conserva o passado imediato, e a protensão, que antecipa o futuro próximo (Júnior, 1990). Desta forma, o presente não é um instante isolado, mas uma estrutura complexa que envolve memória e expectativa.

Friedrich Nietzsche radicaliza a concepção do tempo ao propor no *Assim Falava Zaratustra* a ideia do “eterno retorno”, segundo a qual cada instante deve ser vivido como se estivesse condenado a repetir-se infinitamente (Nietzsche, 1997). O tempo, nesse sentido, não é uma linha reta rumo a uma meta, mas um círculo. O filósofo e filólogo alemão, com a sua concepção circular, desafia noção de progresso histórico e impõe uma ética da afirmação da vida: suportar o tempo é aceitar cada instante em sua repetição inevitável (Nietzsche, 1997).

Em *Sere Tempo* (1927), Martin Heidegger, profundamente influenciado pela análise da consciência temporal de Husserl, revoluciona a reflexão filosófica ao colocar a temporalidade no centro da ontologia. O

filósofo existencialista desloca a questão de “o que é o tempo?” para “quem somos nós enquanto seres temporais?”. O ser humano, por ele designado de *Dasein* (“ser-aí”), não é uma entidade simplesmente presente no mundo, mas um ser lançado na temporalidade. Para Heidegger, o tempo não é uma sucessão de instantes objetivos, mas a própria estrutura da existência. O *Dasein* é sempre um ser em movimento: projetado para o futuro, enraizado num passado e que atua no presente. O futuro revela as possibilidades do ser, e é expectativa e horizonte da existência que confere sentido à vida, mas também é horizonte da finitude. O passado representa a facticidade herdada e o presente o campo da decisão.

Desta forma, a temporalidade torna-se condição fundamental para compreender o ser e a finitude é uma ideia central na análise heideggeriana. A temporalidade é constitutiva porque o ser humano é sempre um ser-para-a-morte e “O ser do *Dasein* é, em cada caso, seu poder-ser, mas este poder-ser é finito” (Heidegger, 2012, p. 241). O tempo humano é limitado, marcado pela antecipação da morte que dá ao existir a sua urgência e autenticidade, convidando o Homem a viver de modo consciente e responsável. O tempo torna-se assim sinónimo de cuidado e de angústia, mas também de possibilidade: é apenas porque o tempo é limitado que a vida adquire sentido. Heidegger critica, assim, as concepções que reduzem o tempo à medida física ou o subordinam à eternidade: para ele, é o horizonte em que o ser se revela e a existência se torna possível.

Paul Ricoeur, na trilogia *Tempo e Narrativa* (1983-1985), propõe uma mediação entre o tempo objetivo da cosmologia e o tempo vivido da fenomenologia. Para ele, o tempo só se torna inteligível por meio da narrativa, pois é através das histórias que contamos, que organizamos a experiência temporal e damos sentido à existência (Ricoeur, 1994).

Ao articular o passado, o presente e o futuro numa trama coerente, a narrativa configura o tempo vivido e refigura a compreensão do mundo. Através da tríplice mimese — pré-compreensão do tempo vivido, configuração narrativa e refiguração da experiência pela leitura —, Ricoeur (1994) mostra que o tempo humano é essencialmente narrativo: compreendemo-nos no movimento das histórias que contamos. A narrativa dá forma ao tempo vivido, mas também interpreta o tempo histórico. Assim, o romance, a história e a autobiografia são modos de compreender a temporalidade.

As perspectivas filosóficas contemporâneas aqui analisadas revelam um tempo plural, subjetivo, aberto e fragmentado que não se deixa reduzir a uma definição única, mas aparece como horizonte no qual o humano se compreende e se projeta. Se a Física e a Filosofia abordaram o tempo como problema científico ou ontológico, as ciências humanas e sociais trouxeram novas perspectivas, centradas nas experiências coletivas, na memória histórica, nos ritmos sociais e nas transformações culturais.

O historiador alemão Reinhart Koselleck destacou que o tempo histórico não é apenas a cronologia dos acontecimentos, mas também a experiência subjetiva que as sociedades têm do seu passado, presente e futuro. Na modernidade, segundo o mesmo, emerge uma nova consciência histórica: a percepção de um futuro aberto, diferente do passado, e capaz de romper com este através do progresso que pode transformar radicalmente o curso da história. Para ele, o tempo é também uma experiência coletiva: cada sociedade vive o passado, o presente e o futuro de modo singular (D'Assunção, 2016). Fernand Braudel, historiador francês da Escola dos Annales, ampliou essa visão ao identificar múltiplos tempos históricos: o geográfico, quase imóvel e ligado ao espaço e à natureza; o social, dos ritmos das economias, das culturas e das instituições; e o dos acontecimentos, da política,

das guerras e dos eventos imediatos. Esta abordagem plural mostra que o tempo histórico não é linear nem uniforme, mas composto por diferentes escalas (Braudel, 1992).

O pensamento sociológico revelou que o tempo não é apenas uma realidade natural ou psicológica, mas também uma criação coletiva. Émile Durkheim defendeu que categorias como tempo e espaço não são apenas individuais, mas também coletivas, moldadas pela vida social: o calendário, por exemplo, é uma convenção social que expressa a organização simbólica de uma comunidade através de rituais e instituições. Norbert Elias aprofundou, na sua obra *Sobre o Tempo* (Zahar, 1998), a visão de Durkheim ao afirmar que o tempo é uma invenção social nascida da necessidade de coordenação entre indivíduos e grupos. Neste sentido, o relógio é tanto uma ferramenta técnica como um produto cultural que regula o comportamento coletivo. Mais recentemente, Hartmut Rosa (2022) atualiza essa reflexão ao desenvolver a teoria da aceleração social: a modernidade trouxe uma aceleração constante dos ritmos de vida, desde a economia à comunicação, e, desta forma, vivemos num paradoxo: quanto mais o tempo se comprime, mais sentimos a sua falta. Assim, o tempo moderno revela-se não apenas medido, mas vivido sob pressão, espelho das tensões da vida contemporânea.

Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (Zahar, 2001), fala de uma modernidade “líquida”, em que nada permanece sólido. Relações, identidades e instituições são marcadas pela transitoriedade. O tempo já não é vivido como continuidade estável, mas como fluxo fragmentado. Essa experiência gera tanto liberdade quanto angústia: podemos reinventar-nos constantemente, mas também perdemos referências duradouras.

O tempo também é estudado como um fenómeno da mente. A

psicologia contemporânea e as neurociências investigam como percebemos a passagem do tempo. A percepção do tempo é plástica, variando consoante as emoções, a idade, os estados mentais ou até mesmo as culturas: parece arrastar-se em situações de tédio e “voar” em momentos de prazer; na infância, os anos parecem longos e na velhice, encurtam-se. O cérebro não possui um “relógio interno único”, mas múltiplos mecanismos que regulam diferentes escalas temporais, sendo que a neurociência sugere que o cérebro humano mede o tempo de forma relativa, e constrói o “agora” a partir de processos de integração sensorial, o que reforça a tese de que o tempo, na sua vivência, é uma construção que depende de contextos emocionais e fisiológicos. Pesquisas contemporâneas indicam que a memória e a imaginação partilham áreas cerebrais comuns, sugerindo que a experiência do tempo é de facto um produto da mente humana (Schacter, Addis & Buckner, 2007).

A cultura contemporânea talvez seja o espaço onde a pluralidade do tempo mais se manifesta. A arte e a literatura do século XX também refletem a nova sensibilidade temporal. A literatura moderna, acompanha a filosofia e a ciência, rejeitando a linearidade simples e revelando a complexidade da experiência temporal. Não foi Proust (2003) que explorou a memória como uma forma de recuperar o passado, ensinando-nos que este pode ser desencadeado e revivido por um simples sabor (a famosa *madeleine*) com intensidade renovada, desfazendo a linearidade? Fernando Pessoa, com a fragmentação dos seus heterónimos, mostra diferentes modos de viver e sentir o tempo. Para Pessoa, o tempo é tanto angústia existencial como um jogo poético de múltiplas vozes. Jorge Luis Borges fez do tempo um dos seus temas centrais, e, em contos como *O Jardim de Veredas que se Bifurcam*, rompe com a linearidade, imaginando e explorando universos

paralelos, a eternidade, a circularidade e os paradoxos temporais, como um labirinto onde “O tempo é uma rede de caminhos que se bifurcam” (Borges, 2007, p. 123). James Joyce, em *Ulisses*, utilizou o fluxo de consciência para representar o tempo subjetivo, aproximando-se das análises fenomenológicas. Julio Cortázar, explorou, especialmente em *Rayuela* (1963), a não-linearidade da narrativa, ao conceber um romance em 155 capítulos que pode ser lido em múltiplas ordens, espelhando um tempo descontínuo, fragmentado, que corresponde à modernidade urbana e existencial. A literatura revela, assim, que o tempo narrativo pode expandir-se, deter-se ou multiplicar-se de formas que escapam à experiência quotidiana.

Também o cinema se tornou um laboratório do tempo. Em *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), de Stanley Kubrick, medita-se sobre tempo cósmico e a evolução. *Memento* (2000), de Christopher Nolan, apresenta uma parte da narração de trás para frente, problematizando a memória. Em *A Árvore da Vida* (2011), de Terrence Malick, o tempo cósmico e biográfico estão conectados. Em *Interestelar* (2014), Christopher Nolan dramatiza a dilatação temporal da relatividade. Embora sem a densidade dos atrás referidos, como podemos esquecer a trilogia original de *Regresso ao Futuro* (1985, 1989 e 1990), dirigido por Robert Zemeckis, que nos apresentou o jovem Marty McFly (o ator Michael J. Fox) nas suas deambulações pelo passado e pelo futuro? O século XXI trouxe novos desafios para a compreensão do tempo. A digitalização, a globalização, a crise ecológica e a Inteligência Artificial transformaram radicalmente a nossa experiência temporal.

Com a *internet*, as redes sociais e a inteligência artificial, a manipulação do tempo tornou-se quotidiana: os algoritmos criam linhas do tempo personalizadas, as redes sociais produzem simultaneidade e fragmentação, e a memória é externalizada em bancos de dados. Vivemos

num regime de tempo real: as informações circulam instantaneamente, as mensagens chegam em segundos, os acontecimentos são acompanhados em direto. Ao mesmo tempo, o digital cria uma cultura da efemeridade: os conteúdos são consumidos rapidamente e esquecidos no dia seguinte, embora fiquem registados no espaço virtual. O presente alarga-se e intensifica-se, enquanto o passado e o futuro parecem encolher. Fala-se num “presente contínuo”, em que estamos sempre conectados, mas cada vez menos capazes de projetar a longo prazo. O tempo digital parece realizar a metáfora borgiana do labirinto: múltiplos percursos, simultâneos e paralelos, redefinindo a relação entre o presente, o passado e o futuro.

No mundo contemporâneo, o tempo é frequentemente visto como recurso escasso que deve ser otimizado. A cultura da produtividade, impulsionada pelo capitalismo e pelas tecnologias de gestão, transformou o tempo em mercadoria: “tempo é dinheiro”. Aplicações para a organização do trabalho, métodos de gestão de tempo e métricas de desempenho, refletem essa obsessão por controlar cada minuto. Porém, esta lógica gera também ansiedade, *burnout* e uma sensação constante de insuficiência.

A crise ambiental trouxe à nossa consciência a dimensão planetária e geológica do tempo. Paul Crutzen (2006) propôs uma nova teoria, o Antropoceno, para designar a era em que a atividade humana se tornou uma força geológica, caracterizada pelo seu impacto significativo e irreversível no planeta Terra, influenciando processos naturais como o clima, a paisagem e os ecossistemas. O termo, assim como o início desta “Era”, ainda em discussão na comunidade científica, obriga-nos a pensar o tempo em escalas muito maiores de milhares e milhões de anos e, nesta perspetiva, o tempo humano é ínfimo em comparação com o tempo da Terra (Crutzen, 2006). Contudo, as nossas ações atuais têm

impacto duradouro, alterando o clima e os ecossistemas por séculos ou milénios. A reflexão ecológica lembra-nos que o tempo não é apenas humano e social, mas também cósmico e natural.

Nas páginas anteriores percorremos diversas concepções e percepções do tempo, desde a Antiguidade ao nosso tempo. Do tempo como ordem cósmica na filosofia antiga ao tempo subjetivo da modernidade, passando pelo tempo narrativo da literatura, constatamos que cada concepção revela não apenas uma teoria, mas uma atitude perante a vida. O tempo pode ser fluxo, duração, círculo ou finitude, mas pode também ser tudo isso ao mesmo tempo. Se procurávamos uma definição, deparámo-nos com a impossibilidade de o definir em absoluto. Ele constitui uma pluralidade de experiências e de linguagens: mistério e abertura, movimento físico e experiência vivida, história coletiva e momento pessoal, destruição e criação. Tudo existe no tempo.

Na sociedade contemporânea, o tempo tornou-se simultaneamente abundante e escasso, visível e intangível. Vivemos cercados por dispositivos que o medem com precisão, mas sentimos cada vez mais que ele nos escapa. A aceleração tecnológica, a globalização e a cultura da produtividade transformaram o tempo em mercadoria, fragmentando a experiência e reduzindo o espaço para a pausa e a contemplação. Contudo, essa mesma consciência da velocidade revela uma nova sensibilidade: a necessidade de reencontrar um ritmo mais humano, em que o tempo volte a ser vivido e não apenas calculado. Pensar o tempo hoje é pensar o próprio sentido da vida moderna — entre o instante que passa e o desejo de permanência; é pensar a condição humana: não somos “donos” e senhores dele, mas vivemos nele e por ele. Devora-nos e consome-nos, mas também nos permite recordar, esperar, criar. É, simultaneamente, limite e possibilidade, cárcere e horizonte. É o tecido da existência e nós, como afirmou Heidegger (1927), somos “seres do

tempo”.

Mais do que perguntar “o que é o tempo?”, talvez devamos perguntar “como vivemos o tempo?”. A resposta, sempre plural, revela não apenas o mistério do cosmos, mas também o mistério de nós próprios.



### Referências bibliográficas

- Agostinho, S. (2004). *Confissões*. [Trad. Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Pimentel], Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Aquino, T. (2001). *De Suma Teológica*. V. 1-9. Loyola.
- Aristóteles (s.d.). *Física*. Livro IV, Editorial Gredos.
- Barbieri, P. (2020). Sobre a Natureza, de Parmênides de Eleia. *Classica*, 33(1), p. 311-325, 2020. <https://doi.org/10.24277/classica.v33i1.853>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Zahar.
- Bergson, H. (2005). *A Evolução Criadora*. Martins Fontes.
- Bergson, H. (2011). *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Edições 70.
- Borges, J. L. (2007). *Ficções*. Companhia das Letras.
- Braudel, F. (1992). *Escritos sobre a História*. Editorial Presença.
- Camara, G. M. (2020). A constância temporal da criação por *neheh* e *djet*: uma breve reflexão sobre a construção cultural do tempo para os antigos egípcios. *NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*, 12(1), pp. 112-132. <https://doi.org/10.12957/nearco.2020.45635>
- Crutzen, P. J. (2006). The “Anthropocene”. In E. Ehlers, & T. Krafft (eds.), *Earth System Science in the Anthropocene. Emerging Issues and Problems*, Springer, pp. 13-18.
- D’Assunção, J. (2016). Koselleck, a história dos conceitos e as temporalidades. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades*, 18(35), pp. 41-53.
- Einstein, A. (1924). *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Methuen & Co Ltd.

- Elias, N. (1998). *Sobre o Tempo*. Zahar.
- Galgano, N. S. (2019). *Parmênides: o não ser como contradição*. Paulus.
- Hartmut, R. (2022). *Aceleração e Alienação*. Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2008). *Parmênides*. Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Editora Vozes.
- Júnior, A. P. (1990). A Percepção do Tempo em Husserl. *Trans/Form/Ação*, 13, pp. 73-83.
- Kant, I. (2001). *Crítica da Razão Pura*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Müller, P. (2010). Se Deus é eterno. In Ricardo da Costa (Coord.). *Mirabilia 11 - Tempo e Eternidade na Idade Média*, pp. 169-182.
- Nietzsche, F. (1997). *Assim Falava Zaratustra*. Relógio d'Água.
- Platão (2013). *Timeu-Críticas*, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Proust, M. (2003). *Em Busca do Tempo Perdido*, Vol. 1, Relógio d'Água.
- Ramon, M. (2020). «Vive do teu fim mais cuidadosa / Pois sabes que o teu fim é tão preciso»: representações literárias da morte na poesia barroca portuguesa. In *A Morte: Leituras da Humana Condição*, I Congresso Internacional sobre a Morte, pp. 365-377.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e Narrativa*. Papyrus Editora.
- Rocha, Z. (20045). Heráclito de Éfeso, filósofo do *Lógos*. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 7(4), pp. 7-31.
- Schacter, D. L., Addis, D. R., & Buckner, R. L. (2007). Remembering the past to imagine the future: the prospective brain. *Nature Reviews Neuroscience*, 8(9), pp. 657-661.
- Séneca (2015). *On the Shortness of Life: De Brevitate Vitae: a New Translation*. [Trad. Damian Stevenson]. Internet Archive.
- Sita, P. C. (2019). A questão do espaço nas correspondências entre Leibniz e Clarke. *Princípios: Revista de Filosofia*, 26(49), pp. 161-181.
- Sófocles (2024). *Rei Édipo*. [Trad. Maria do Céu Fialho]. Edições70.
- Targa, D. C., & Machado, F. F. (2018). Descartes, Heidegger, a Compreensão de Homem e a questão do Tempo Futuro. *Revista Ideação*, 1(37), pp. 275-291.

Lior Grapila 3, 2025

- TEMPO -







*Abril 2026*